

APRESENTAÇÃO

Ana Alice Costa, Ângela Freire e Cecilia Sardenberg

Com enorme prazer estamos lançando o número 2 da nossa *Feminismos*. O trabalho editorial é bastante complexo, mas as dificuldades são largamente superadas pela satisfação de ver o esforço compensado pela qualidade dos textos aqui divulgados e pela reafirmação da fidelidade da Revista aos seus compromissos com a diversidade, com a interdisciplinaridade e, naturalmente, com a afirmação política de ideias feministas, afinal, a nossa razão de existir enquanto veículo de comunicação.

Assim, este número apresenta uma grande diversidade de ideias expressas nos textos que integram a seção de artigos; no primeiro deles, *Orçamento e financiamento de políticas públicas: questões de gênero e raça*, Evilásio Silva Salvador e Silvia Cristina Yannoulas delineiam um “estado da arte” das questões, análises e recomendações sobre orçamento/financiamento das políticas públicas no Brasil e suas possibilidades de promoção da equidade de sexo/gênero e raça/etnia e demonstram, entre outras contribuições importantes, que o maior peso tributário do Estado brasileiro recai sobre as mulheres, principalmente as negras.

Margareth Ribeiro de Araujo e Alessandra Sampaio Chacham, em seu artigo *Os significados do trabalho remunerado para mulheres em situação de violência conjugal*, afirmam que o trabalho remunerado, além da importância da aquisição financeira, contribui marcadamente para o resgate da autoestima das mulheres em situação de violência, possibilitando-lhes uma nova dinâmica que favorece a retomada da autonomia dessas mulheres.

Em *Música, gênero e ritual: estudos brasileiros*, Talitha Couto Moreira nos surpreende com uma interessante análise sobre uma seleção de estudos em etnomusicologia e sociologia da educação musical que articulam música e gênero em diferentes contextos etnográficos, cruzando teorias de gênero e teorias sobre música. Segundo a autora, “quando se aborda em conjunto as instâncias de música e gênero, e para que sejam concebidas como passíveis de interação, a concepção de gênero adotada necessita denotar algo de fluido, contrária à ideia de fixidez, possível de ser desestabilizado, a fim de abarcar essa

potencialidade de criação, transformação, trazida com a música, operada através dela”. Vale a pena conferir.

Em um texto com o instigante título “*Nunca tomei nome de rapariga de ninguém*”: *gênero, memória e construção de si de dona Farailda – uma “casamenteira” do sertão*, Vânia Nara Pereira Vasconcelos nos coloca no universo de uma sertaneja cuja história subverte, de certa maneira, as normas estabelecidas para as mulheres de uma cidade do interior da Bahia, embora reproduza em seu discurso valores “tradicionais” como a defesa da família e do casamento monogâmico. Segundo a autora, de um modo muito peculiar, esta personagem real rompe com padrões de gênero e geração, sendo muitas vezes acusada de apresentar um comportamento masculino.

Finalmente, Iole Macedo Vanin, em seu artigo, *Formação, atuação e produção intelectual das biomédicas da Faculdade de Medicina da Bahia (1879-1949)*, discute as possíveis fissuras na lógica androcêntrica que estruturava as ciências biomédicas na Bahia na época analisada, causadas pela presença feminina nestes espaços. Para a autora, não se configuram tais fissuras, pois desde a formação até o exercício profissional não se chegou a questionar a ideologia patriarcal. Iole Vanin afirma que, do seu ponto de vista, houve apenas uma acomodação da presença feminina neste contexto. No entanto, a autora destaca que, apesar disto, essas mulheres, por meio das suas estratégias e ações forjadas a partir do disponível, avançaram em direção à consolidação da condição feminina na área biomédica no Brasil e Bahia.

Na seção seguinte, temos a entrevista com *Maria Ednalva Bezerra de Lima*, falecida em 2007, depois de uma vida de militância feminista e sindical. Publicar esta entrevista é a nossa homenagem a esta lutadora que tão bem soube conduzir as lutas das mulheres na Central Única dos Trabalhadores e na construção da Secretaria de Mulheres da CUT. Nesta entrevista, realizada por Terezinha Gonçalves, Ednalva analisa as dificuldades da articulação do feminismo com o sindicalismo e com as novas institucionalidades governamentais conquistadas pelas mulheres como fruto das lutas feministas. Apesar de transcorridos seis anos, as questões apontadas por Ednalva continuam presentes no cotidiano do feminismo brasileiro.

Neste número optamos, mais uma vez, por manter nosso compromisso de divulgar a produção resultante da nossa participação no Consórcio do Programa de Pesquisas – *Research Programme Consortium* (RPC) – sobre o Empoderamento das Mulheres – *Pathways of Women’s Empowerment* –, financiado pelo *Department for International Development* (DFID) da Grã- Bretanha e coordenado pelo *Institute of Development Studies da University of Sussex*. Neste sentido, trazemos um conjunto de textos sínteses sobre diretrizes para políticas públicas na perspectiva do feminismo. O dossiê foi articulado por Andrea Cornwall, professora da University Sussex e coordenadora geral do Pathways e traduzidos para o português por Cecilia Sardenberg, também autora de um dos textos.

Chamamos esses textos de “sínteses” porque são resultantes de vários estudos locais, realizados por pesquisadoras de diversos países, integrantes também do Consórcio que, a partir de experiências diferenciadas, podem construir um conjunto de diretrizes orientadoras na construção de políticas públicas que contemplem, de fato, uma transformação mais profunda na condição das mulheres. Para nós, da equipe do NEIM, integrantes do *Pathways*, publicar estes textos aqui na *Revista Feminismos* é a possibilidade de compartilhar com outras/os estudiosas/os e militantes feministas esta experiência de troca, de construção de conhecimento e de abertura para pensar as mulheres dentro de contextos diferenciados de subordinação patriarcal.

Na sessão “Artes de Mulher”, apresentamos a artista baiana Dina Garcia, natural de Cruz das Almas que, depois de muitas voltas na vida, retorna para sua cidade para centrar aí sua arte e irradiá-la a partir do interior para os vários cantos do mundo. Algumas imagens de Dina Garcia também ilustram nossa revista.

É isso, estamos garantindo nosso compromisso com mais este número. Como dissemos no início desta apresentação, a tarefa de editar uma revista é complexa e trabalhosa, mas também é um desafio, uma descoberta de várias facetas. O que queremos é contar com a colaboração de vocês no enfrentamento deste desafio.